



WILDER DALA QUINJANGO
Superando desafios, inspirando mentes
com paixão e propósito



CEU INÁCIO MONTEIRO

Cuidando da segurança e do bem-estar da comunidade

Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.60>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaufort
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I. Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 60 (ago. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 338 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI: <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.60>

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroaltertaivo.com.br
CNPJ: 28.657. 494/0001-09

05 EDITORIAL

José Wilton dos Santos

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

08 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

10 O QUE VEM AÍ? "DIREITO E SOCIEDADE"

Mirella Clerici

11 POIESIS

14 PLANO DE PROTEÇÃO E GUARDA

CEU INÁCIO MONTEIRO

46 RELATO DE CASO

INTERVENÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO ARTICULADOR NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela dos Santos Magalhães

12 DESTAQUE

WILDER DALA QUINJANGO

ARTIGOS

1. EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL - ANA MARIA DAINAUSKAS SOARES	52
2. POTENCIALIZANDO O ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA CRIATIVIDADE - ANGÉLICA RODRIGUES VALENTIN	60
3. GESTÃO ESTRATÉGICA E SEU IMPACTO ORGANIZACIONAL. ESTUDO DE CASO NA EDIÇÕES NOVEMBRO, EMPRESA PÚBLICA 2023 - ANGELINA DE FÁTIMA CHITUNDO ESTÊVÃO YOPILO	70
4. ENTRE SABORES E SABERES: A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA FORMAÇÃO INFANTIL - AUREA CARVALHO DE SOUZA	77
5. A COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA PARA O ALCANCE DOS OBJETIVOS ORGANIZACIONAIS EM ANGOLA - DANIEL PEDRO JOSÉ	82
6. ESTUDO DE CASO NA DIREÇÃO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE BELAS, ANGOLA - DOMINGOS ELIAS SACHICO	86
7. UMA ABORDAGEM PRELIMINAR NA EMPRESA SIABONGA COMERCIAL, LDA NO I SEMESTRES DE 2024 - DOMINGOS FERNANDO CASSUENDE LUCUNDE	93
8. O ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA - DORIVALDO DA GRAÇA GUEDES TAVARES / EDMILSON DOS PRAZERES DA SILVA	97
9. ESTUDO DE CASO EMPRESA ISABELINHA COMERCIAL 2023 A 2024 - EDSON MARIA SEBASTIÃO JORGE	106
10. A VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - ELISETE VICENTE DA SILVA OLIVEIRA	114
11. COMUNICAÇÃO INTERNA: FACTORES QUE INFLUENCIAM A COMUNICAÇÃO INTERNA NAS ORGANIZAÇÕES - ESTEVÃO QUIXINA CASSULE	133
12. ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DOS ACIDENTES DE TRABALHO: "CASO DA EMPRESA WILVIMAR COMERCIAL, LDA 2021-2022" - EUNICE MUANSA MUESHI	139
13. O MARKTING DE RELACIONAMENTO NAS ORGANIZAÇÕES COMO FACTOR DE QUALIDADE NO ATENDIMENTO - FELICIANA DA CRUZ VICENTE MANUEL	146
14. IMPORTÂNCIA DA GESTÃO FINANCEIRA NAS ORGANIZAÇÕES CASO EMPRESA INTERSACHI, LDA-ANGOLA - FERNANDO SANJI	154
15. AVALIAÇÃO CRITERIAL EM ANGOLA: UMA ANÁLISE DAS FASES EXPERIMENTAIS DOS EXAMES NACIONAIS - FORTUNA NETO FIGUEIREDO VITANGUI	158
16. A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES EDUCACIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL - GIRLENE NASCIMENTO DA SILVA MANTOVANI	169
17. ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO ORAL DO PROFESSOR PARA FOMENTAR O PENSAMENTO CRÍTICO E A PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL - INGRID DA SILVA CAVALCANTE DE PAULA	176
18. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: QUEBRANDO ROTINA DO ENSINO TEÓRICO - JOAQUIM PEREIRA BRAVO	182
19. OS DESAFIOS DO MARKETING DIGITAL NO CONTEXTO ONLINE: A SEGMENTAÇÃO DE MERCADO DAS MPMS EM MALANJE EM 2025 - JOSÉ CAMPOS KIFUBA	192
20. BIOFILIA DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR: COMO FAZER? - JULIANA DA SILVA OLIVEIRA	204
21. EDUCAÇÃO INFANTIL INCLUSIVA: O QUE DIZEM AS ESCOLAS PÚBLICAS? - LUZINETE BISPO DOS SANTOS	213
22. IMPACTO DA AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO NO COMPLEXO ESCOLAR SANTO ANTÓNIO NO MUNICÍPIO DE MAQUELA DOZOMBO, PROVÍNCIA DO UÍGE - MANUEL ESTEVES MUTALO COA	222
23. ESTUDO COMPARATIVO DA GESTÃO ESTRATÉGICA DA CADEIA DE VALOR DA REFRIANGO, LDA E DA COCA-COLA BOTTLING 2018-2020 - MANUEL LIGAS ANTÓNIO	229
24. ARTE E A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO - MARCELO SANTOS DE MASCARENHAS	234
25. A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SOBRE OLHARES DE GRANDES AUTORES - MARIA APARECIDA ARMANDILHA NUNES	241
26. APLICAÇÃO ESTRATÉGICA DO BALANCED SCORECARD NAS INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS ANGOLANAS.CASO: BANCO DE POUPANÇA E CRÉDITO BPC (2020 - 2022) - MARIA MVÚ ANDRÉ DONDO	247
27. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR - MARIANGELA DE JESUS CHAGAS	251
28. ÉTICA SILENCIADA: FRAGILIDADES DA FISCALIZAÇÃO DISCIPLINAR NA OAB E PROPOSTAS DE REFORMA - MIRELLA CLERICI	258
29. ESTUDO SOBRE FUNDOS DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO EM ANGOLA - NELITO ANTÓNIO	265
30. GERAÇÃO CONECTADA, INFÂNCIA EM RISCO: PERIGOS E CUIDADOS NA INTERNET SOB A PERSPECTIVA DE JONATHAN HAIDT - PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA	272
31. A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL:DESAFIOS E AVANÇOS NA INCLUSÃO - SILVIA HARUE YOGUI	280
32. FRACASSO ESCOLAR E DESIGUALDADES SOCIAIS: O QUE DIRIA PAULO FREIRE E DERMEVAL SAVIANI? - SOLANGE APARECIDA SILVA	287
33. DO CUIDAR AO EDUCAR: CONSTRUINDO AUTONOMIA E IDENTIDADE NA INFÂNCIA - SUELLEN VIDAL ARAÚJO DA SILVA	293
34. GRÊMIOS ESTUDANTIS: HISTÓRICO,LEGISLAÇÃO E FUNÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - SYLAS IVAN RIZZO TUDECH	300
35. TERRITÓRIOS EDUCATIVOS E EDUCAÇÃO INTEGRAL: ARTICULAÇÕES ENTRE ESCOLA, COMUNIDADE E POLÍTICA PÚBLICA NA CIDADE DE SÃO PAULO - TÂNIA MARIA PEREIRA CASTRO	306
36. O PAPEL DAS PRÁTICAS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL - THAIS MARANHÃO PEREIRA RODRIGUES	312
37. A IMPORTÂNCIA DO BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO - VANESSA FERNANDES LEANDRO DE ASSUNÇÃO	322
38. EDUCAÇÃO FEMINISTA: MOVIMENTO SOCIAL ARTICULADO COM A EDUCAÇÃO - VIVIANE MARCIA SANTOS DE MASCARENHAS	328

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores: _____



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



GERAÇÃO CONECTADA, INFÂNCIA EM RISCO: PERIGOS E CUIDADOS NA INTERNET SOB A PERSPECTIVA DE JONATHAN HAIDT

PATRÍCIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA¹

Resumo: A internet, em suas múltiplas facetas, deixou de ser uma ferramenta complementar para se tornar uma parte intrínseca do cotidiano infantil. Desde tenra idade, crianças na atualidade são expostas a um universo digital vasto e, muitas vezes, complexo, impulsionado pelo crescente uso precoce de dispositivos móveis e pela inserção cada vez mais comum em redes sociais. Essa imersão digital, embora traga consigo inegáveis benefícios em termos de acesso à informação e desenvolvimento de novas habilidades, também acende um alerta sobre os potenciais riscos à saúde mental e ao desenvolvimento socioemocional dos mais jovens. É nesse cenário que as reflexões do psicólogo social Jonathan Haidt, apresentadas em sua obra "Geração Ansiosa", emergem como um farol para compreender os desafios impostos pela era digital à infância. Este artigo busca, portanto, analisar os perigos da internet para as crianças e propor cuidados essenciais, pautando-se nas valiosas perspectivas e evidências trazidas por Haidt. Ao explorar os argumentos do autor, pretende-se oferecer uma base sólida para que pais, educadores e formuladores de políticas públicas naveguem neste terreno, garantindo que a conectividade não comprometa a plenitude da infância.

Palavras-chave: Educação; Infâncias; Conectividade; Relações Sociais; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

A presença das tecnologias digitais redefiniu drasticamente as paisagens da infância, moldando novos padrões de comportamento e impactando o desenvolvimento infantil de maneiras sem precedentes. A tradicional exploração do mundo físico, marcada por brincadeiras ao ar livre e interações sociais diretas, tem sido gradualmente substituída por experiências mediadas por telas. Observa-se uma diminuição na capacidade de concentração, uma vez que a gratificação instantânea e a hiperestimulação dos ambientes digitais condicionam o cérebro em desenvolvimento a

esperar retornos imediatos. Além disso, a exposição a conteúdos digitais, muitas vezes sem supervisão adequada, pode influenciar a formação de valores, a percepção da realidade e a construção da identidade. O desenvolvimento de habilidades sociais empáticas e de resolução de conflitos também é afetado, visto que as interações virtuais carecem da riqueza de nuances e da complexidade das relações interpessoais face a face, essenciais para a maturação emocional e cognitiva das crianças. A era digital remodelou profundamente a infância, deslocando as brincadeiras tradicionais e as interações sociais do mundo físico para o ambiente online. Essa transição, segundo

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE. Bacharel e Licenciada em Letras pela Universidade São Judas Tadeu. Bacharel em Administração pela Faculdade Álvares Penteado, FECAP. Pós-graduada Latu-sensu em Práticas Educativas, Criatividade, Ludicidade e Jogos pela Faculdade de Educação Paulistana, FAEP e em Psicopedagogia Institucional pela Campos Salles, FICS. Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

Jonathan Haidt em sua obra "Geração Ansiosa", é uma grande reconfiguração da infância, que tem impactos significativos no desenvolvimento infantil. Haidt argumenta que a imersão precoce em dispositivos digitais e redes sociais contribui para uma diminuição da capacidade de atenção e um aumento da busca por gratificação instantânea, à medida que o cérebro das crianças se adapta à hiperestimulação constante das telas. Ele ressalta que a exposição desregulada a conteúdos digitais não apenas distorce a percepção da realidade e a formação de valores, mas também intensifica sentimentos de ansiedade e isolamento. Para Haidt, o tempo gasto online substitui as experiências interpessoais cruciais para o desenvolvimento de empatia, habilidades sociais e a capacidade de lidar com conflitos, elementos vitais para a saúde mental e o bem-estar emocional das futuras gerações.

REDES SOCIAIS E A SAÚDE MENTAL: A TESE DE HAIDT

O livro de Haidt enumera diferentes problemas que vêm ocorrendo desde a chegada dos smartphones nas mãos dos jovens e das crianças, sendo um deles as redes sociais. A ascensão meteórica deste novo modelo de interação transformou a forma como nos comunicamos e percebemos o mundo. No entanto, o que começou como uma ferramenta de conexão global tem sido cada vez mais associado a uma série de desafios para a saúde mental, especialmente em crianças, adolescentes e jovens adultos. Ao explorar os principais argumentos levantados por diversos autores e pesquisas, torna-se evidente que a exposição precoce e o uso intensivo dessas plataformas estão intimamente ligados a um aumento preocupante de problemas emocionais, afetando desde a autoestima e a qualidade do sono até o desenvolvimento de habilidades sociais essenciais.

"A humanidade evoluiu na Terra. Crianças evoluíram para a brincadeira física e a exploração. Elas prosperam quando têm raízes em comunidades do mundo real, não em redes de contatos virtuais e descorporificadas. Crescer no

mundo virtual promove ansiedade, anomia e solidão. A Grande Reconfiguração da Infância tem sido um fracasso catastrófico. É hora de dar fim a esse experimento. Vamos trazer nossas crianças de volta para casa" (HAIDT, 2024, p. 300).

Um dos argumentos centrais discutidos é a exposição cada vez mais precoce de crianças e adolescentes às redes sociais. Historicamente, a infância e a adolescência eram fases dedicadas ao desenvolvimento de habilidades interpessoais no mundo real, à exploração criativa e à formação da identidade longe das pressões digitais. Hoje, não é raro ver crianças com acesso a smartphones e tablets desde muito novas, mergulhando em um universo de conteúdos e interações para os quais, muitas vezes, não estão preparadas.

Haidt argumenta que essa exposição prematura pode interromper processos de desenvolvimento cruciais. A mente jovem, ainda em formação, é particularmente vulnerável à comparação social, ao cyberbullying e à busca por validação externa que permeiam essas plataformas. Sem as ferramentas cognitivas e emocionais para filtrar e processar o volume de informações e a complexidade das interações online, os mais jovens podem desenvolver uma percepção distorcida da realidade, acelerando o surgimento de inseguranças e ansiedades. A curiosidade natural e a experimentação típicas da infância são, em parte, substituídas pela navegação passiva e pelo consumo de conteúdo, limitando o tempo dedicado a brincadeiras, leitura e outras atividades offline, fundamentais para o desenvolvimento saudável.

A relação entre o uso intensivo da internet (e, por extensão, das redes sociais) e o aumento de transtornos como ansiedade e depressão é uma das preocupações mais estudadas. Diversas pesquisas apontam para uma correlação significativa: quanto maior o tempo gasto nessas plataformas, maior a probabilidade de desenvolver ou agravar quadros de saúde mental.

Um dos mecanismos propostos é a comparação social constante. As redes são,

muitas vezes, vitrines de vidas "perfeitas", repletas de conquistas, beleza e felicidade. Essa curadoria irreal do cotidiano alheio pode levar os usuários, especialmente os mais jovens, a se sentirem inadequados, com a impressão de que suas próprias vidas não são tão excitantes ou bem-sucedidas. Essa lacuna entre a realidade e a percepção distorcida do "ideal" online fomenta a insegurança, a frustração e, conseqüentemente, a ansiedade e a depressão.

Além disso, a natureza viciante das redes sociais — impulsionada por algoritmos que buscam maximizar o engajamento — cria um ciclo de recompensa intermitente. A busca por likes, comentários e validação gera picos de dopamina que podem levar a um comportamento compulsivo, no qual o indivíduo passa horas conectado, negligenciando outras atividades e responsabilidades, e se sentindo pior quando está offline. Esse ciclo vicioso contribui para a deterioração do bem-estar emocional.

Os impactos das redes sociais se estendem a aspectos fundamentais do desenvolvimento humano como a construção da autoestima, como mencionado, a comparação social é um grande inimigo da autoestima. A pressão para se apresentar de uma forma idealizada, a busca incessante por aprovação e o medo de "ficar de fora" (FOMO - Fear Of Missing Out) corroem a autoconfiança. A dependência da validação externa através de curtidas e comentários pode levar a uma autoestima frágil, ditada pela percepção alheia e não por um senso interno de valor. O cyberbullying, presente em muitas plataformas, é outro fator devastador para a autoestima, causando angústia e humilhação profundas.

Outro ponto relevante é o sono, pois o uso de telas antes de dormir é amplamente documentado como prejudicial à qualidade do sono, as redes sociais tem uma timeline infinita e isso permite que os usuários mais jovens acabem passando muitas horas navegando. A luz azul emitida pelos dispositivos inibe a produção de melatonina, o hormônio regulador do sono, dificultando o adormecer. Além disso, a

constante estimulação mental e emocional das redes sociais mantém o cérebro em estado de alerta, impedindo o relaxamento necessário para um sono reparador. A privação crônica de sono, por sua vez, está intrinsecamente ligada ao aumento da ansiedade, depressão e dificuldades de concentração.

Paradoxalmente, apesar de serem ferramentas de "socialização", as redes sociais podem atrofiar o desenvolvimento de habilidades sociais no mundo real. A comunicação mediada por telas muitas vezes carece da riqueza de nuances das interações presenciais, como a leitura de expressões faciais, linguagem corporal e o tom de voz. Segundo Haidt (2024), a hiperconectividade tem afetado diretamente a capacidade de aprendizagem e socialização dos jovens, gerando dificuldades em realizar tarefas longas e em manter relacionamentos profundos.

O tempo gasto online reduz as oportunidades de praticar a empatia, a resolução de conflitos face a face, a negociação e a construção de relacionamentos significativos. Haidt (2024) argumenta que a substituição do brincar livre pelo uso de dispositivos eletrônicos compromete o desenvolvimento emocional e social, pois as interações online são descorporificadas e muitas vezes assíncronas.

Crianças e adolescentes podem se sentir mais confortáveis em interações online, mas apresentar dificuldades e inseguranças em contextos sociais reais, levando ao isolamento e à solidão. Para Haidt (2024), essa "reconfiguração da infância" é marcada por superproteção no mundo offline e baixa proteção no mundo online, o que contribui para o aumento de transtornos mentais como ansiedade e depressão.

Os argumentos apresentados pelo autor e corroborados por evidências científicas ressaltam a necessidade urgente de uma abordagem mais consciente e crítica em relação ao uso das redes sociais. Não se trata de demonizar a tecnologia, mas de reconhecer seus potenciais riscos, especialmente quando há

exposição precoce e uso excessivo. O desafio reside em encontrar um equilíbrio, promovendo uma "dieta digital" mais saudável e incentivando o desenvolvimento de resiliência e habilidades de vida que permitam aos indivíduos prosperarem tanto no mundo online quanto, e principalmente, no mundo real (HAIDT, 2024).

O conceito de "infância interrompida" refere-se à crescente limitação das experiências infantis fundamentais, como o brincar livre, a exploração autônoma do ambiente e a convivência presencial com pares, em decorrência das transformações culturais e tecnológicas contemporâneas. Haidt (2024) denomina esse fenômeno como parte da "grande reconfiguração da infância", marcada pela substituição das brincadeiras presenciais por interações digitais, e pela superproteção no mundo físico combinada à subproteção no ambiente virtual.

Twenge argumenta que, com o advento dos smartphones e o crescimento do tempo de tela a partir de meados da década de 2010, houve uma mudança radical na forma como os jovens vivenciam sua infância e adolescência. Ela observa que atividades outrora consideradas normativas — como brincar ao ar livre sem supervisão constante, formar amizades por meio da convivência física, ou simplesmente passar o tempo sem um aparato digital — foram progressivamente substituídas por interações virtuais e monitoramento parental intensificado. Essa transformação resulta não apenas na redução das experiências sensoriais e sociais presenciais, mas também em um déficit no desenvolvimento de competências socioemocionais, autonomia e resiliência.

Twenge identifica uma correlação direta entre o aumento do tempo online e os níveis crescentes de ansiedade, depressão e sentimentos de solidão entre os jovens da chamada "iGen" (geração nascida após 1995). Ao perderem a liberdade de experimentar o mundo de forma tangível e sem mediações tecnológicas constantes, muitas crianças enfrentam dificuldades para desenvolver a noção de agência

e segurança interna. O excesso de proteção e a virtualização precoce das interações reduzem as oportunidades para lidar com desafios reais e aprender com os próprios erros — elementos essenciais do amadurecimento.

Assim, o conceito de infância interrompida, à luz de Geração Ansiosa, não se limita à nostalgia de uma infância pré-digital, mas revela um fenômeno de profunda relevância clínica, educacional e social. Trata-se de uma mudança de paradigma que exige uma reflexão crítica sobre os efeitos de um ambiente hipermediado e controlado nas trajetórias de desenvolvimento infantojuvenil.

DADOS E PESQUISAS CITADAS POR HAIDT

Jonathan Haidt, em Geração Ansiosa (2024), apresenta uma vasta compilação de dados internacionais sobre o aumento preocupante nos índices de transtornos mentais entre crianças e adolescentes desde meados da década de 2010. O autor destaca que, especialmente nos Estados Unidos, os diagnósticos de depressão, ansiedade, automutilação e tentativas de suicídio cresceram de maneira significativa entre adolescentes do sexo feminino a partir de 2012 — marco que coincide com a popularização dos smartphones e das redes sociais.

Entre os dados citados, Haidt menciona que a taxa de hospitalizações por automutilação de meninas adolescentes aumentou cerca de 188% entre 2010 e 2020, e que as taxas de depressão clínica duplicaram entre meninas de 12 a 17 anos nesse mesmo período. Ele também observa um aumento semelhante nos indicadores de sofrimento psíquico entre meninos, ainda que em menor intensidade. O autor destaca que esse padrão se repete em diversos países ocidentais, sugerindo que o fenômeno não está restrito a um contexto nacional, mas sim a uma transformação cultural e tecnológica global.

Esses dados embasam a tese central de Haidt de que há uma epidemia de sofrimento mental infantojuvenil, associada não a fatores

genéticos ou econômicos, mas a mudanças no ambiente social e comportamental das novas gerações.

Outro ponto central da análise de Haidt é a relação direta entre o tempo de tela — especialmente em redes sociais — e a deterioração do bem-estar psicológico de crianças e adolescentes. O autor argumenta que há um padrão claro de correlação negativa entre o uso intensivo de dispositivos digitais e a saúde mental, particularmente em relação ao sono, à autoestima e à qualidade das interações sociais.

Com base em dezenas de metanálises e estudos longitudinais, Haidt sustenta que quanto mais tempo os adolescentes passam nas redes sociais, maiores são as chances de desenvolverem sintomas de ansiedade e depressão. Ele também aponta que o efeito é mais acentuado entre meninas, devido à natureza relacional das redes sociais, onde a exposição constante a comparações sociais, exclusões virtuais e comentários hostis gera um ambiente emocionalmente tóxico.

Além disso, Haidt (2024) argumenta que o tempo de tela substitui atividades essenciais ao desenvolvimento saudável, como brincadeiras ao ar livre, convivência familiar e sono adequado. Tais substituições afetam não apenas o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, mas também o funcionamento biológico, agravando ainda mais os quadros de sofrimento mental.

PERIGOS DO USO DA INTERNET POR CRIANÇAS

Com a intensificação do uso da internet por crianças em idade cada vez mais precoce, especialistas de diferentes áreas vêm alertando para os riscos associados ao uso não supervisionado e excessivo das tecnologias digitais. Embora a internet traga benefícios educacionais e sociais, seu uso sem mediação adequada pode comprometer aspectos essenciais do desenvolvimento infantil. A seguir, são analisados alguns dos principais perigos documentados na literatura científica.

O cyberbullying é um dos fenômenos mais estudados entre os riscos digitais. Diferente do bullying tradicional, ele ocorre de forma contínua, pública e amplificada pelas redes sociais. De acordo com Livingstone e Smith (2014, p. 640–645), o cyberbullying tem efeitos psicológicos profundos e duradouros, incluindo ansiedade, depressão e evasão escolar. Crianças vítimas desse tipo de agressão digital frequentemente sentem que não há escapatória, pois o assédio ocorre também nos espaços considerados seguros, como a própria casa.

Crianças expostas precocemente a conteúdos violentos, sexualizados ou desinformativos podem ter prejuízos em seu desenvolvimento moral e afetivo. Greenfield (2014, p. 172–179) argumenta que o acesso irrestrito a conteúdos online impacta a formação de valores éticos e a capacidade de julgamento crítico. Além disso, segundo a UNICEF (2021), a exposição a pornografia e a representações distorcidas de sexualidade pode influenciar negativamente o comportamento afetivo-sexual de crianças e pré-adolescentes. Livingstone e Smith (2014, p. 643–644) também destacam o impacto da exposição precoce a conteúdos inadequados na saúde mental e emocional.

Outro risco severo é o contato com adultos mal-intencionados nas redes. Predadores sexuais utilizam jogos online, aplicativos de mensagem e redes sociais para se aproximar de crianças e adolescentes, muitas vezes por meio de estratégias de manipulação emocional conhecidas como grooming. Segundo dados da SaferNet Brasil (2022), o número de denúncias de aliciamento infantil online aumentou consideravelmente nos últimos anos. A mesma análise de Livingstone e Smith (2014, p. 644) reforça que a ausência de regulação e supervisão parental agrava o risco de aliciamento em ambientes digitais.

Diversos estudos têm apontado que o uso excessivo de telas pode comprometer o desenvolvimento cognitivo, especialmente nas fases iniciais da infância. Segundo Christakis et al. (2018, p. 3), a superexposição a estímulos

digitais rápidos e fragmentados interfere na atenção sustentada, na memória operacional e na autorregulação emocional. Jones (2018, col. 2–3) destaca, com base em neuroimagem, que crianças de 9 a 10 anos que passam mais tempo em frente às telas apresentam menor espessura cortical e menor desempenho em tarefas cognitivas. Liu (2022, p. 230–231) reforça que o excesso de tempo de tela compromete a função executiva e a memória de trabalho em adolescentes.

Outro efeito preocupante do uso intensivo das tecnologias digitais é a diminuição das habilidades socioemocionais. Turkle (2015, p. 45–50) argumenta que a preferência por interações mediadas por telas enfraquece a capacidade das crianças de ler expressões faciais, interpretar emoções e desenvolver empatia. A convivência presencial — fundamental para a construção de vínculos saudáveis — vem sendo substituída por comunicações rápidas e superficiais, o que afeta diretamente a construção da afetividade e da identidade social.

CUIDADOS E ESTRATÉGIAS DE PROTEÇÃO

Diante dos riscos associados ao uso precoce e excessivo da internet por crianças, especialistas e instituições internacionais recomendam uma abordagem proativa e multidimensional, envolvendo famílias, escolas, profissionais da saúde e o Estado. A seguir, são apresentadas estratégias de proteção com respaldo científico.

A mediação ativa dos pais é um dos fatores mais eficazes na prevenção dos efeitos nocivos do uso das tecnologias digitais na infância. De acordo com Livingstone e Helsper (2008, p. 587–588), a mediação ativa — quando os pais conversam sobre o conteúdo acessado e orientam o uso — está associada a uma redução significativa da exposição a riscos online e melhora na experiência digital da criança. Já a simples restrição sem diálogo tende a ser menos eficaz. A American Academy of Pediatrics (AAP) também recomenda que os pais participem das experiências digitais dos filhos, transformando o

tempo de tela em uma oportunidade de aprendizado compartilhado (AAP, 2016, p. 3–4).

A definição de limites claros quanto ao tempo de uso e tipo de conteúdo acessado é essencial para evitar a sobrecarga sensorial, o sedentarismo e os prejuízos ao sono e à cognição. Segundo Christakis et al. (2018, p. 4), crianças entre 2 e 5 anos devem ter tempo de tela limitado a uma hora por dia, com conteúdo de qualidade e supervisão adulta. Além disso, ferramentas de controle parental e a criação de zonas livres de tecnologia (como o quarto e a mesa de refeições) ajudam a proteger as crianças de conteúdos inapropriados e de dependência digital (UNICEF, 2021, p. 17–18).

Para além do controle, é fundamental que a criança desenvolva competências para lidar de forma ética e crítica com o mundo digital. Livingstone et al. (2011, p. 9–11) destacam a importância da "media literacy" desde os primeiros anos de escolarização, promovendo a capacidade de questionar conteúdos, reconhecer fake news e tomar decisões conscientes. Tais habilidades são consideradas essenciais não apenas para segurança, mas para a formação de uma cidadania digital ativa.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019, p. 4) e a AAP (2016, p. 6) recomendam que o tempo de tela seja substituído por atividades que favoreçam o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, como brincadeiras ao ar livre, leitura compartilhada e tempo de qualidade com a família. Estudos apontam que crianças com maior envolvimento em atividades presenciais apresentam melhor regulação emocional, maior empatia e desempenho escolar superior (Ginsburg, 2007, p. 183–184).

Além da atuação familiar, é urgente que escolas e governos desenvolvam políticas públicas voltadas à educação para o uso seguro, ético e consciente da internet. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) brasileira já inclui a educação digital como uma das competências gerais, prevendo o letramento digital como parte da formação integral (BRASIL, 2018, p. 9–10). Iniciativas como o Programa Safer Internet Day e

os projetos da ONG SaferNet contribuem para capacitar professores, estudantes e famílias em temas como segurança, privacidade e combate ao cyberbullying.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transformação digital das últimas décadas trouxe inegáveis avanços na comunicação, no acesso à informação e nas possibilidades de aprendizagem. Contudo, quando aplicada à infância, essa mesma revolução apresenta dilemas éticos, sociais e psicológicos que exigem análise crítica. O discurso dominante no contexto neoliberal digital tende a exaltar a “liberdade de escolha” e o acesso irrestrito às tecnologias como sinônimo de empoderamento. No entanto, quando se trata de crianças, esse discurso colide com os princípios do desenvolvimento infantil e do direito à proteção integral, previstos em legislações como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e as diretrizes da ONU (UNICEF, 2021, p. 4).

Segundo Sonia Livingstone (2011, p. 10), garantir acesso não é suficiente — é necessário assegurar que esse acesso seja seguro, significativo e apropriado à idade. Crianças não possuem repertório cognitivo e emocional suficientemente maduro para exercer essa “liberdade digital” sem mediação. Como aponta Haidt (2024, p. 142), a exposição precoce a ambientes digitais não regulados têm produzido efeitos deletérios à saúde mental, indicando que a suposta liberdade vem acompanhada de riscos desproporcionais.

A literatura aponta que a mediação adulta — tanto no espaço doméstico quanto na escola — é fundamental para transformar a cultura digital em oportunidade e não ameaça. Turkle (2015, p. 68–71) defende que a escuta empática, o exemplo dos adultos e o diálogo sobre o uso das tecnologias são estratégias mais eficazes do que a mera proibição. Pais e educadores precisam compreender que o protagonismo infantil na era digital só é possível quando sustentado por vínculos afetivos e limites consistentes.

Além disso, Buckingham (2007, p. 21–24) argumenta que o letramento digital deve ser compreendido como um direito das crianças e um dever dos adultos, sendo parte integrante da formação cidadã. Isso inclui ensinar crianças a interpretar criticamente conteúdos online, a identificar manipulações e a desenvolver hábitos saudáveis de consumo midiático.

Não se trata de demonizar a tecnologia, mas de promover um uso equilibrado e consciente, que respeite os ritmos da infância. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019, p. 5) recomenda que o tempo de tela seja limitado e equilibrado com sono de qualidade, atividades físicas e interações sociais reais — elementos essenciais para o bem-estar integral. Da mesma forma, Ginsburg (2007, p. 184–185) afirma que o brincar livre e o tempo com adultos emocionalmente disponíveis são fatores protetivos contra o estresse tóxico gerado por estímulos digitais excessivos.

A discussão, portanto, não gira em torno de proibir ou liberar o acesso digital, mas sim de promover ambientes — em casa, na escola e na sociedade — que equilibrem direitos digitais com o direito à infância. Esse equilíbrio é uma responsabilidade coletiva, que exige escuta ativa, políticas públicas e práticas pedagógicas comprometidas com o desenvolvimento humano em sua totalidade.

O presente artigo procurou discutir os riscos associados ao uso precoce e intensivo da internet por crianças, com base em evidências científicas e em autores que vêm contribuindo para o debate contemporâneo sobre saúde mental, cultura digital e desenvolvimento infantil, dando enfoque ao trabalho mais recente de Haidt, *Geração Ansiosa*. A análise evidencia que os riscos não são hipotéticos ou alarmistas: eles estão documentados em pesquisas robustas e exigem respostas. As políticas públicas têm um poder maior de difusão de informações do que as famílias.

A ideia basilar deste artigo sustenta que a internet, embora ofereça oportunidades educacionais e sociais, também representa um conjunto de riscos reais e comprovados para o

bem-estar infantil, quando utilizada sem mediação e sem limites. Como aponta Christakis et al. (2018, p. 4), o uso excessivo de telas está associado a atrasos cognitivos, distúrbios do sono e disfunções emocionais. Turkle (2015, p. 49) acrescenta que a substituição de interações presenciais por relações mediadas por telas prejudica a empatia e a construção do vínculo social, afetando diretamente a formação da identidade na infância.

A ação preventiva, portanto, não é opcional: ela é um imperativo ético e educacional. Deve-se reconhecer que a infância é uma fase de extrema vulnerabilidade, e que a exposição a conteúdos digitais deve ser cuidadosamente mediada por adultos conscientes dos impactos dessas escolhas.

Jonathan Haidt (2024, p. 96–98; p. 142) oferece uma das mais contundentes contribuições contemporâneas ao revelar, com base em dados longitudinais e metanálises, a correlação entre o uso intensivo de redes sociais e o crescimento exponencial de transtornos mentais entre crianças e adolescentes. Sua análise não apenas denuncia os efeitos nocivos da hiperconectividade, como também aponta para as responsabilidades institucionais — incluindo plataformas digitais, escolas e governos — na construção de ambientes mais seguros.

Ao colocar em evidência o conceito de “infância interrompida”, Haidt amplia o debate sobre o que se entende por liberdade e autonomia na era digital, demonstrando que a ausência de limites não é sinônimo de bem-estar, mas frequentemente sua negação.

Diversas estratégias foram apresentadas ao longo deste artigo como caminhos viáveis para garantir uma infância mais protegida no ambiente digital: o fortalecimento da mediação parental (Livingstone & Helsper, 2008, p. 587), o controle equilibrado do tempo de tela (AAP, 2016, p. 3), a promoção do pensamento crítico (Buckingham, 2007, p. 22) e o incentivo a experiências presenciais de aprendizagem, como o brincar, a leitura e à convivência familiar (Ginsburg, 2007, p. 184–185).

Além disso, políticas públicas como as previstas na BNCC (BRASIL, 2018, p. 9) e ações de educação digital promovidas por organizações como a UNICEF e a SaferNet demonstram que é possível articular sociedade civil, Estado e comunidade escolar para criar uma cultura digital mais ética, segura e respeitosa à infância.

REFERÊNCIAS

- AAP – AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Media and Young Minds. Pediatrics, v. 138, n. 5.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. p. 9–10.
- BUCKINGHAM, David. Beyond technology: children's learning in the age of digital culture. Cambridge: Polity Press, 2007.
- CHRISTAKIS, Dimitri A. et al. Children and adolescents and digital media. Pediatrics, v. 138, n. 5, p. 1–8, 2018.
- Effects of Excessive Screen Time on Child Development. PubMed Central, 2023.
- GINSBURG, Kenneth R. The importance of play in promoting healthy child development and maintaining strong parent-child bonds. Pediatrics, v. 119, n. 1, p. 182–191, 2007.
- HAIDT, Jonathan. A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- JONES, Sasha. Too Much Screen Time May Affect Children's Brain Development, Early Findings Show. Education Week, 11 dez. 2018.
- LIU, Lu. The Impact of Screen Time on Working Memory Function of Children and Adolescents. In: SUN, J. et al. (Eds.). SSED2022.
- LIVINGSTONE, Sonia; HELSPER, Ellen J. Parental mediation of children's internet use. Journal of Broadcasting & Electronic Media, v. 52, n. 4, p. 581–599, 2008.
- LIVINGSTONE, Sonia; SMITH, Peter K. Annual research review: Harms experienced by child users of online and mobile technologies: the nature, prevalence and management of sexual and aggressive risks in the digital age. J. Child Psychol. Psychiatry, v. 55, n. 6, p. 635–654, 2014.
- LIVINGSTONE, Sonia et al. EU Kids Online: final report. London: LSE, 2011.
- OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. Geneva: WHO, 2019.
- TURKLE, Sherry. Reclaiming conversation: the power of talk in a digital age. New York: Penguin Press, 2015.
- TWENGE, Jean M. iGen: por que os superconectados estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes – e completamente despreparados para a vida adulta. São Paulo: Benvirá, 2018.
- UNICEF. Como proteger crianças e adolescentes de conteúdos inadequados online. Brasília: UNICEF Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil>. Acesso em: 18 jun. 2025.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.60>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Ana Maria Dainauskas Soares
Angélica Rodrigues Valentin
Angelina de Fátima Chitundo Estêvão Yopilo
Áurea Carvalho de Souza
Daniel Pedro José
Daniela dos Santos Magalhães
Domingos Elias Sachico
Domingos Fernando Cassuende Lucunde
Dorivaldo da Graça Guedes Tavares
e Edmilson dos Prazeres da Silva
Edson Maria Sebastião Jorge
Elisete Vicente da Silva Oliveira
Estevão Quixina Cassule
Eunice Muansa Mueshi
Feliciana da Cruz Vicente Manuel
Fernando Sanji
Fortuna Neto Figueiredo Vitangui
Girleene Nascimento da Silva Mantovani
Ingrid da Silva Cavalcante de Paula
Joaquim Pereira Bravo
José Campos Kifuba
Juliana da Silva Oliveira
Luzinete Bispo dos Santos
Manuel Esteves Mutalo Coa
Manuel Ligas António
Maria Aparecida Armandilha Nunes
Marcelo Santos de Mascarenhas
Maria Mvú André Dondo
Mariangela de Jesus Chagas
Mirella Clerici
Nelito António
Patrícia Mendes Cavalcante de Souza
Sílvia Harue Yogui
Solange Aparecida Silva
Suellen Vidal Araújo da Silva
Sylas Ivan Rizzo Tudech
Tânia Maria Pereira Castro
Thaís Maranhão Pereira Rodrigues
Vanessa Fernandes Leandro de Assunção
Viviane Marcia Santos de Mascarenhas

Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Parceiros:

